

ENTRE O CÉU E A TERRA: ANÁLISE DA FOTOGRAFIA “RETIRADA”, DE ARAGÃO HUMBERTO.

Solange de Aragão¹

Na História da Fotografia no Brasil, vários artistas, entre profissionais e amadores, e suas obras ainda estão por ser analisados. Há estudos importantes sobre os fotógrafos do século XIX e sua produção, embora esta muitas vezes se apresente sem uma preocupação estética acentuada – exceção feita a nomes como o de Marc Ferrez, cuja fotografia, mesmo documental, apresenta um jogo instigante de luz e de sombra, e um enquadramento singular dos elementos retratados. Gilberto Ferrez, Pedro Corrêa do Lago e Boris Kossoy estão entre aqueles que têm se debruçado sobre a pesquisa histórica da fotografia no Brasil.

Como é conhecido de todos, as primeiras tentativas de registrar imagens sobre o papel a partir da luz foram feitas aqui por Hercules Florence, antes mesmo da descoberta da fotografia². Mas foi com a chegada do daguerreótipo ao Rio de Janeiro que se difundiu essa técnica por terras brasileiras³. Nas décadas seguintes, vieram os fotógrafos estrangeiros, já munidos de câmeras fotográficas, para retratar pessoas ilustres, pessoas comuns, escravos, momentos históricos, paisagens, casas e jardins e, depois de 1870, os imigrantes com suas vivendas e seus modos de vida⁴. Os fotógrafos brasileiros, que se destacaram por sua fotografia documental, como Militão Augusto de Azevedo (RJ, 1837 – SP, 1905), em São Paulo, e Marc Ferrez (RJ, 1843 – RJ, 1923), no Rio de Janeiro – este último renunciando a ideia de fotografia como arte, aparecem apenas nas últimas décadas do oitocentos

¹Professora Doutora de Arquitetura da Paisagem da Universidade Nove de Julho em São Paulo.

² KOSSOY, 1980, p.18.

³ KOSSOY, 1980, p.28-32.

⁴ LIMA, 1991, p.66.

Em princípios do século XX, os fotógrafos continuaram a retratar a burguesia e a aristocracia (os ricos industriais e fazendeiros do café) em seus palacetes ecléticos cercados por amplos jardins e registraram também as rápidas mudanças pelas quais passavam algumas das cidades mais importantes do país. Em contraposição, os fotógrafos estrangeiros que visitavam ou se instalavam no Brasil, como a alemã Hildegard Rosenthal, tinham muitas vezes seu olhar voltado para o cotidiano, para o espaço público e para as personagens que davam vida a esse espaço, como o jornalista, o vendedor de frutas, os imigrantes mais simples.

É difícil precisar em que momento a fotografia teve sua função artística sobressaindo em relação à função documental no Brasil e em que momento deixou de ser relegada a segundo plano em comparação às demais formas de expressão artística. Alguns estudos apontam as décadas de 1940 e 1950 como um período de transição em que a fotografia brasileira se aproximou mais das belas artes, não raro envolta em experimentos concretistas e neoconcretistas⁵. O fato é que na década de 1950, já em meados do século XX, o país viu o surgimento de um número expressivo de sociedades estabelecidas com o intuito de reunir os fotógrafos amadores e profissionais para a discussão dos aspectos artísticos e técnicos da arte fotográfica. São desse período também a difusão de várias revistas e boletins (como os boletins do Foto Cine Clube Bandeirante, publicados a partir de maio de 1946, que tratavam exclusivamente da fotografia e do cinema) e a criação de concursos em salões para premiar as obras de maior destaque.

É nesse contexto, nas décadas de 1950 e 1960, que se dá a principal atuação do fotógrafo amador Aragão Humberto, que irá participar de sociedades de fotógrafos e de concursos de fotografias (sendo condecorado com prêmios nacionais e internacionais) e terá parte importante de sua produção publicada em revistas como a *FotoArte*.

Considerando que não é possível desvincular a obra do lugar onde foi produzida, nem o artista de seu contexto, o artigo principia com apontamentos breves sobre a cidade onde o fotógrafo viveu, seguindo-se de observações sobre a sua vida e sobre a sua obra de um modo geral, para finalmente apresentar uma análise mais minuciosa de uma de suas fotografias mais expressivas, intitulada “Retirada”.

O LUGAR

Aracaju é uma cidade erguida junto ao mar, que faz parte do atual Estado de Sergipe, cuja independência da Bahia se deu entre 1820 e 1822. A criação da cidade data de 1855, quando surgiu a ideia de se construir uma nova capital junto ao porto para facilitar o comércio do açúcar. Assim, Aracaju substituiu a

⁵v. COSTA & RODRIGUES, 1995.

antiga capital da Província, São Cristóvão, e aos poucos foi se tornando um lugar importante na região, atraindo pessoas de outras localidades.

Como aconteceu em todo o Nordeste brasileiro, o açúcar foi um produto relevante para a economia de Sergipe desde o período colonial, com o primeiro engenho instalado em 1612, cerca de 25 engenhos em 1724, e na década de 1880 a transformação de alguns desses engenhos em usinas com a modernização do processo produtivo, enquanto outros passaram a ser simples fornecedores de cana-de-açúcar. Nas primeiras décadas do século XX, a economia do Estado se voltou também para a indústria, com a implantação de um número significativo de unidades fabris, e em meados do século, na década de 1950, com a ampliação do parque industrial. A partir de 1963, no entanto, com a instalação da Petrobrás em Sergipe, o incentivo à indústria diminuiu em função da expectativa gerada com a possibilidade de exploração do petróleo⁶.

Aracaju, a capital do Estado, foi projetada a partir de um traçado em grelha, que constitui o denominado “Quadrilátero de Pirro”, em homenagem ao autor do projeto, o engenheiro Sebastião José Basílio Pirro. Com esse traçado, todas as ruas transversais levam para o mar. Este é talvez um dos elementos mais importantes e característicos da paisagem da cidade. No tecido urbano, destacam-se as áreas arborizadas e ajardinadas no interior das quadras, que correspondem aos quintais das residências, por muito tempo caracterizados pelas árvores de fruto de médio e grande porte.

O fotógrafo Aragão Humberto, nascido em Sergipe, habitou em casas como essas, complementadas por seus quintais arborizados. Nas décadas de 1950 e 1960, período que corresponde à fase mais importante de sua produção, morou em casas tipo chalet, projetadas pelo arquiteto alemão Herman Otto Wilhelm Arendt von Altenesh, localizadas na rua Duque de Caxias – uma delas está preservada até hoje, não obstante as alterações na fachada principal e na volumetria do edifício.

O ARTISTA

ARAGÃO HUMBERTO, como ele assinava sua produção fotográfica, nasceu em 3 de abril de 1914, na cidade de Aracaju, onde veio a falecer em 12 de junho de 1974. Era filho do comerciante Jayme Aragão e de Mariolizza Lima de Aragão e irmão da professora de piano Edilde Aragão⁷. Durante muitos anos, trabalhou na loja de autopeças de seu pai e, em seguida, no Instituto do Açúcar e do Alcool de Sergipe⁸. Na década de 1940, casou-se com Maria Luíza Nabuco de Araújo⁹, com quem teve três filhos: Aldemar Aragão,

⁶ SENAI, 1986.

⁷ ARAGÃO, 2017, p.149.

⁸ARAGÃO, 2017, p.150.

⁹ARAGÃO, 2017, p.149.

Humberto Lima de Aragão Filho e Nilson Aragão. O primeiro deles faleceu em janeiro de 1946, o que representou uma grande tristeza na vida do artista.

Aragão Humberto retratou, entre tantos outros temas, a paisagem e o homem do Nordeste brasileiro, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, tendo participado de várias exposições nacionais e internacionais e recebido um número significativo de prêmios e menções honrosas por sua fotografia. Sua obra recebeu maior destaque em Sergipe, onde foi integrante da Sociedade Sergipana de Fotografia, e participou do Salão Sergipano de Arte Fotográfica, recebendo, em 1952, o prêmio de melhor fotografia¹⁰.

Em janeiro de 1951, seu nome aparece no artigo intitulado “O 1º Salão Sergipano de Arte Fotográfica”, de autoria de Mário Cabral, publicado no *Boletim Foto Cine Clube Bandeirante* (Vol.05, Edição 57), com referência à fotografia “Lantejoulas”, que, segundo o autor, “apresenta alguns bonitos reflexos”. O 1º Salão Sergipano de Arte Fotográfica foi inaugurado em 27 de dezembro de 1950, promovido pela Sociedade Sergipana de Fotografia, com repercussão nacional e participação de vários artistas brasileiros. Dos 403 trabalhos inscritos, 277 foram admitidos e expostos no salão, como consta na edição 58.

Na década de 1960, nesse mesmo boletim, seu nome aparece nos volumes 11 (Edição 126 de Outubro de 1961), como um dos participantes do XX Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, representando o “Grupo de Fotógrafos Amadores”, com a fotografia “Estudo em Branco”; 12 (Edição 139 de Outubro de 1963), como um dos participantes do 22º Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, representando o “Grupo de Fotógrafos Amadores de Aracaju”, com a fotografia “Meditação”; e 12 (Edição 142 de Maio de 1964), como um dos participantes do XXIII Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo, representando o “Grupo de Fotógrafos Amadores de Aracaju”, com as fotografias “Meditação” e “Estudo em Branco”. O envio e reenvio dessas duas imagens para esses salões internacionais revela a importância que atribuía a essas fotografias em particular, uma vez que havia várias outras imagens relevantes e expressivas que o artista poderia ter encaminhando para essas exposições.

Além destas, as medalhas e certificados remanescentes atestam que participou da 2ª Exposição Mundial de Arte Fotográfica do Rio de Janeiro, do 3º Salão Sergipano de Arte Fotográfica (1952), onde recebeu o 1º Prêmio, do V Salão Capixaba de Arte Fotográfica (Vitória, 1952), do 1º Salão Internacional de Arte Fotográfica do Câmera Clube de Santo André (Santo André-SP, 1953), do V Salão de Arte Fotográfica da Sociedade Fluminense de Fotografia (Niterói-RJ, 1956), do VI Salão de Arte Fotográfica da Sociedade Fluminense de Fotografia (Niterói-RJ, 1957), da 1ª Exposição Mundial de Fotografia Artística Bratislava (Pranha, 1958), do Salão Internacional FotoArte de 1960, do 16º Salão Capixaba (Vitória, Brasil, 1963), onde recebeu o 3º Prêmio pela fotografia “Meditação”, do 17º Salão Capixaba (Vitória, Brasil, 1964), onde recebeu o 2º Prêmio pela fotografia “The Birds” e Menção Honrosa por seu “Estudo em Branco”, do XVIII Salão de Arte

¹⁰ARAGÃO, 2017, p.150.

Fotográfica da Sociedade Fluminense de Fotografia (Niterói-RJ, 1966), da 3ª Exposição Mundial de Arte Fotográfica do Rio de Janeiro, da Exposição Internacional da Associação Brasileira de Arte Fotográfica do Rio de Janeiro e do Salão Internacional Fotoarte (Rio de Janeiro, 1969). Nesses salões e exposições, nem sempre suas obras foram premiadas, mas certamente todas as fotografias apresentavam elevado valor estético, uma vez que as imagens expostas eram pré-selecionadas pelas comissões organizadoras – muitas vezes apenas metade ou até mesmo menos da metade das obras enviadas eram selecionadas. Sua participação nesses inúmeros salões e exposições revelou-se imenso apreço pela fotografia, sua admiração pela arte fotográfica e seu trabalho incansável como fotógrafo, que iria influenciar inclusive figuras importantes da história do cinema brasileiro, como o diretor de fotografia Clemente Freitas¹¹.

A OBRA

A obra de Aragão Humberto é constituída e caracterizada por uma diversidade de temas que abrange desde fotografias de personagens ou figuras ilustres da Aracaju de meados do século XX até paisagens que incluem o céu, o mar e a terra com suas palmeiras ou seus coqueiros, além de elementos como jangadas, que remetem o observador ao Nordeste. Há ainda figuras femininas, nus, naturezas mortas, cenas com aves inspiradas na cinegrafia de Hitchcock, e o artesanato característico das feiras, com os objetos de barro distribuídos no chão.

No retrato de figuras humanas, destacam-se o enquadramento, a aproximação, o cenário, a cena, o jogo de luz e de sombra configurado a partir da localização da pessoa retratada em relação à entrada de luz ou mesmo do posicionamento desta, com a iluminação ora destacando, ora sombreando rostos e braços.

As naturezas mortas são marcadas pela delicadeza e pela sensibilidade do artista, que irá criar, a partir da disposição de elementos muito simples, como jarros de vidro ou de porcelana, copos transparentes com água e pedaços de coco, obras de elevado valor estético. Por vezes o artista enfatiza nesses trabalhos o contraste entre o fundo preto e os elementos brancos, como “Em busca de Néctar” e “Vaso com flores”.

Em sua produção, há muitas imagens que retratam os trabalhadores do mar, com suas jangadas e redes, em paisagens compostas pelo céu com nuvens brancas, pelo mar e pela areia da praia, como “Reparos na jangada”, “A rede e o mar”, “Retorno” e “Os jangadeiros”, e imagens que retratam os trabalhadores

¹¹ Na internet, é possível localizar menções ao fotógrafo por outros artistas e entrevistadores: MORENO, D. M. Clemente Freitas: o pioneiro na arte cinematográfica em Sergipe. Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro. S.l., 2012. Disponível em: <http://www.cpcb.org.br/artigos/clemente-freitas-o-pioneiro-da-arte-cinematografica-em-sergipe/>. Acesso em: 02.08.2017; JOSÉ, Ludovice. “A movimentada vida de Ludovice José”. S.l., 2003. Disponível em: <http://www.osmario.com.br/ler.asp?id=14406&titulo=memorias>. Acesso em: 02.08.2017; LAURO, E. e EBERT, C. Entrevista com Waldemar Lima ABC. Associação Brasileira de Cine-matografia. Disponível em: http://www.abcine.org.br/uploads/pdf/entrevista_com_waldemar_lima.pdf. Acesso em: 02.08.2017.

do campo, em paisagens compostas pela terra mais árida e pelo céu, como “Retorno”, “Carro de Boi” e “Elementos”, que representam o registro do cotidiano do homem do Nordeste brasileiro. É possível encontrar também fotografias em que sobressai a técnica de laboratório, como “Nu”, que se aproxima muito da abstração, “Santoya”, em que o fotógrafo consegue um efeito interessante ao deixar na imagem apenas o rosto e os cabelos da personagem retratada, e a obra “The birds”, feita a partir da sobreposição de dois negativos.

Analisando as fotografias e as técnicas difundidas por meio de revistas especializadas e boletins como os publicados pelo Foto Cine Clube Bandeirantes nas décadas de 1950 e 1960, observa-se que as obras de Aragão Humberto são condizentes com a produção do período e contemporâneas no que concerne às técnicas empregadas. O fotógrafo estava de fato muito atento às inovações e ao modo de se trabalhar a fotografia como expressão de arte.

RETIRADA

A imagem escolhida para análise intitula-se “Retirada”. Trata-se de uma das paisagens registradas pelo fotógrafo que revelam o cotidiano do homem do Nordeste. Essa paisagem é composta por cinco elementos: o céu, a terra, o mar, os coqueiros e o homem. O céu ocupa dois terços da fotografia, destacando-se pelo desenho quase radio-concêntrico de suas nuvens brancas. A terra é representada pela areia, em parte seca, em parte úmida, revelando o traçado das ondas que se estendem e se retraem. O mar aparece ao longe, minimamente enfatizado, desenhando uma diagonal junto à terra na composição. Os coqueiros, igualmente distantes do observador, ratificam a localização geográfica da imagem. O homem, não como ser isolado, mas como ser social, surge numa diagonal perspéctica que direciona o olhar à linha do horizonte.

Essa fotografia traz à memória algumas observações formuladas por dois estudiosos do Nordeste brasileiro: Euclides da Cunha e Gilberto Freyre. O primeiro, em *Os sertões*, chega a afirmar que “o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, [...] a mesma envergadura atlética”¹². Freyre, em *Nordeste*, fala da paisagem humana transformada, resultante da mistura do europeu com o africano, que parece “às vezes mais da terra que certos elementos nativos”¹³. Em “Retirada”, constata-se que de fato o homem gerado por três séculos de miscigenação parece intrinsecamente ligado à terra que desvenda, que perscruta, que desafia; e parece feito por um molde único – a mesma tez, o mesmo porte, o mesmo sofrimento humano nos pés descalços, nas vestes simples, nos volumes levados à cabeça não importa quão longa a caminhada.

¹²CUNHA, 2010, p.88.

¹³ FREYRE, 2004, p.69.

Apesar da dramaticidade da cena, trata-se de uma imagem do cotidiano. As pessoas retratadas são aquelas que iam todos os dias vender seus produtos junto ao Mercado de Aracaju e o único percurso possível para retornar a suas casas era à beira mar, caminhando pela areia da praia. Por isso os cestos à cabeça, as sacolas nas mãos e os pés descalços que deixavam pegadas na areia, ao fim de mais um longo dia de trabalho. É de fato uma paisagem social. Uma fotografia que registra características da sociedade do período.

CONCLUSÃO

Como a obra de muitos fotógrafos amadores e profissionais de meados do século XX, a produção de Aragão Humberto merece ser considerada e analisada a partir de seu valor estético. Além da obra “Retirada”, há diversas imagens representativas desse fotógrafo, seja do ponto de vista da inovação, seja do ponto de vista da aplicação de técnicas contemporâneas, que requerem um estudo mais detalhado e aprofundado até mesmo para a compreensão e para o entendimento da evolução da fotografia ao longo do século XX. Isso por um viés estético. É possível ainda considerar essas imagens segundo seu valor de registro de uma época, de um povo, de uma paisagem.

Aragão Humberto foi um dos fotógrafos mais importantes de Aracaju nas décadas de 1950 e 1960. Está fora, portanto, do eixo Rio-São Paulo, onde o número de profissionais especializados em fotografia era muito mais expressivo. Isso faz com que sua obra seja ainda mais representativa, porque contribui para o entendimento de como a fotografia foi concebida em outras áreas do país nesse período – o que registrou, de que forma registrou, por meio do emprego de que técnicas – e até mesmo para a verificação de repercussões de técnicas difundidas nas revistas de fotografia publicadas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Na obra desse artista em particular, destacam-se a sensibilidade estética, a visão do cotidiano, os ensaios de novas possibilidades no registro e na revelação das imagens fotográficas, o contraste do claro-escuro, o jogo de luz e de sombra, a dramaticidade das cenas do dia a dia, a busca do enquadramento perfeito. Apesar da difusão da fotografia colorida, Aragão Humberto nunca abandonou a técnica das imagens em preto e branco. Mesmo no início da década de 1970, quando recebeu menções honrosas por algumas de suas últimas fotografias, estas eram trabalhadas em preto e branco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO FILHO, Humberto Lima de. *A poética na imagem*. São Paulo: Intermeios, 2017.

- COSTA, Helouise, RODRIGUES, Renato. *A fotografia moderna no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 7.ed. São Paulo: Global, 2004.
- JOSÉ, Ludovice. "A movimentada vida de Ludovice José". S.l., 2003. Disponível em: <http://www.osmario.com.br/ler.asp?id=14406&titulo=memorias>. Acesso em: 02.08.2017.
- KOSSOY, Boris. *Origens e expansão da fotografia no Brasil – século XIX*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.
- LAURO, E. e EBERT, C. Entrevista com Waldemar Lima ABC. *Associação Brasileira de Cinematografia*. Disponível em: http://www.abcine.org.br/uploads/pdf/entrevista_com_waldemar_lima.pdf. Acesso em: 02.08.2017.
- LIMA, Solange Ferraz de. "O circuito social da fotografia". Em: FABRIS, Annateresa (org.). *Fotografia: usos e costumes*. São Paulo: Edusp, 1991.
- MORENO, D. M. Clemente Freitas: o pioneiro na arte cinematográfica em Sergipe. *Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro*. S.l., 2012. Disponível em: <http://www.cpcb.org.br/artigos/clemente-freitas-o-pioneiro-da-arte-cinematografica-em-sergipe/>. Acesso em: 02.08.2017.
- SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. *Memória histórica da indústria sergipana*. Aracaju: Edição do SENAI, 1986.
- SILVA, F. da. *Caminhando numa cidade de luz e de sombras. A fotografia moderna no Recife na década de 1950*. Tese de Doutorado em História. Recife: UFPE, 2005.
- VIANA, Sayonara. Humberto Aragão e a fotografia em Sergipe. Aracaju, 2014. Disponível em: <http://nailson-mouraphotography.blogspot.com.br/2014/12/humberto-aragao-e-fotografia-em-sergipe.html>. Acesso em: 02.08.2017.

FIGURAS



Figura 01 - ARAGÃO HUMBERTO. Retirada. Fotografia em Preto e Branco (décadas de 1950 e 1960). Fonte: Acervo da Família Aragão